

# ZINbioses

um ensaio sobre os conceitos de  
Zineasta, muZinista e p3rformaNZI



Amante da Heresia

AmAntE da hErEsiA // léo pimentel souto

# ZINbioses

um ensaio sobre os conceitos de  
Zineasta, muZinista e p3rformaNZI



Marca de Fantasia  
Parahyba, 2026

Catálogo na publicação  
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A484z

Amante da Heresia

ZINbioses: um ensaio sobre os conceitos de zineasta, muzinista e performanzi /  
Amante da Heresia, Léo Pimentel Souto. – João Pessoa: Marca de Fantasia, 2026.

Livro em PDF  
ISBN 978-85-7999-132-5

1. Ensaaios. 2. Literatura brasileira. I. Amante da Heresia. II. Souto, Léo Pimentel.  
III. Título.

CDD 869.41

Índice para catálogo sistemático

I. Ensaaios: Literatura brasileira

ZINbioses  
um ensaio sobre os conceitos de  
Zineasta, muZinista e p3rformaNZI

AmAntE da hErEsiA // léo pimentel souto

Série Quiosque, 73. 2026, 58p.

ISBN 978-85-7999-132-5



**MARCA DE FANTASIA**

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A  
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033  
marcadedfantasia@gmail.com  
<https://www.marcadedfantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Capa: Ciberpajé

Conselho editorial

Adriano de León - UFPB	Marcelo Bolshaw - UFRN
Alberto Pessoa - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Edgar Franco - UFG	Marina Magalhães - UFAM
Edgard Guimarães - ITA/SP	Nílton Milanez - UESB
Gazy Andraus - IFSP-Rio Preto	Paulo Ramos - UNIFESP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Em conformidade com o artigo 46 da Lei N.º. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, todas as obras artísticas presentes neste livro são reproduzidas exclusivamente para fins de estudo, com a devida menção da autoria e da origem das obras e sem qualquer intuito comercial, sendo sua propriedade garantida aos autores e/ou entidades detentoras de direitos autorais. Desse modo, é vedada a reprodução integral ou parcial dessas obras com fins comerciais.

# Sumário

## 6. Prefácio

ZINbioses: quando a atitude paratópica e a poética zineira abarca múltiplos meios e linguagens artísticas – Ciberpajé

## 9. Pródromos de uma espécie

22. Zineasta: uma desobediência audiovisual

31. muZinista: escuta ativa e propositiva



40. p3rformaNZIs: corpos em ato de comprovação

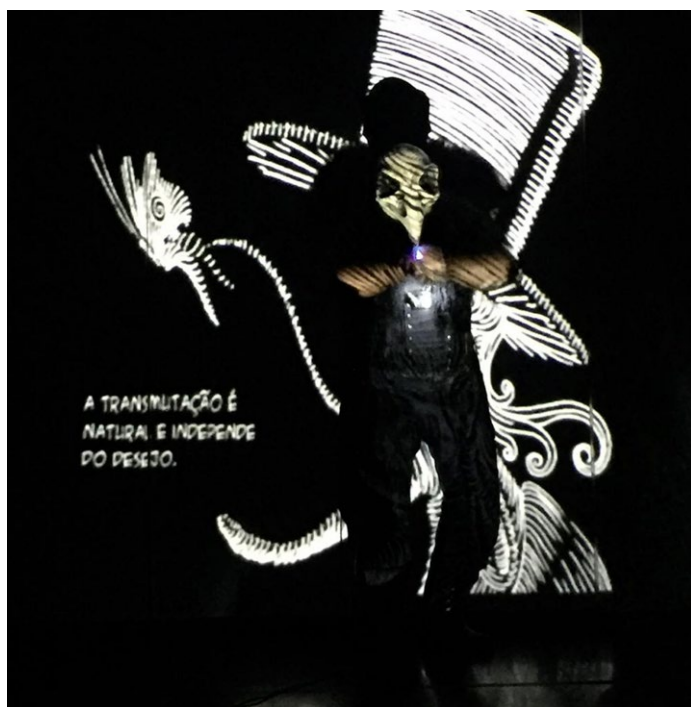
48. Anexo: Zintelektualidade & SenZibilidade: mAMifESTO ZIMTEIECUDL (2021)

50. glossário

53. Referências bibliográficas

# ZINbioses: quando a atitude paratópica e a poética zineira abarca múltiplos meios e linguagens artísticas

Por Ciberpajé\*



“**A**mante da Heresia”, vulgo Léo Pimentel Souto, é, sem sombra de dúvidas, uma das personalidades artísticas mais incríveis e inspiradoras com quem já cruzei nessa existência. Sua verve iconoclasta experimental, aliada à sua inata perspectiva poético-filosófica da existência, cria um caldo criativo singular que se ramifica para todas as possibilidades artísticas, abarcando todos os meios e suportes. Da ilustração às narrativas visuais, da imagem em movimento às “perfor-

mances” ao vivo, da invenção musical ao ato poético cotidiano através das suas vestes e posturas.

Depois de um reencontro cósmico palestrando e performando em um evento de Ciberxamanismo, as nossas similaridades artísticas tornaram-se conexões poéticas. O encontro de um mago-artista pós-humanista com um ateu-mítico ciberanarcopunk só poderia frutificar em múltiplas obras transmidiáticas. E assim foi, desde o primeiro convite que fiz a ele para performar como convidado em uma apresentação do Posthuman Tantra em 2016, já se passaram 10 anos, e nesse tempo, realizamos inúmeras cocriações artísticas: zines, filmes, curtaformismos, músicas, “performances” ao vivo, CDs, animações, contos e muito mais.

Em meio a essa ação inventiva tresloucada de dois criadores que agem em simbiose, tive a honra e a alegria de ser o orientador de doutorado de Amante da Heresia no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, e depois supervisionar o seu pós-doutorado no mesmo programa. Sua “tezine”, intitulada “O zineiro que se expandiu a zineasta e transgrediu-se como meta-artista transmídia da incerteza”, trouxe um brilhante tratado artístico que propôs a expansão da perspectiva da praxis e poiesis zineira para o contexto de outras mídias e linguagens, com destaque para o audiovisual, daí surgindo o instigante conceito de “Zineasta”!

Em seu estágio pós-doutoral, Amante da Heresia, avançou nas suas investigações teórico-práticas das possibilidades expandidas do conceito de (fan)zine e dentre as ressignificações de termos e remodelamentos de percepções surgiu o neologismo “MuZinista”, uma transgressão do termo “musicista” para definir a criação musical agora em sua essencialidade zinística. Por fim – e até o momento – em uma de nossas várias digressões artísticas no contexto do Grupo de Pesquisa Criação & Ciberarte (Cria\_Ciber – CNPq FAV/UFG), que eu coordeno e do qual Léo Pimentel é um dos integrantes mais ativos, surgiu-nos

o questionamento de que as nossas “performances artísticas” também possuem em sua concepção básica a essencialidade do processo criativo de um zine, e com isso nasce o conceito expandido de “pErformaNZIs”, a performance que traz em sua gênese e grafia o ZINE!

Diante da percepção clara de que essa expansão conceitual e poética de zine propõe um novo e singular olhar sobre os processos criativos artísticos em múltiplas linguagens fiz uma provocação ao Amante da Heresia, escrever um ensaio síntese tratando desses três provocativos e inusitados conceitos de “Zineasta”, “MuZinista” e “pErformaNZIs”. Ele aceitou de pronto o desafio, e o resultado é tão instigante quanto nossas reflexões e criações têm sido para nós! Mergulhe na leitura e (ZIN)E-SE!

---

\* O Ciberpajé é Edgar Franco, mago psiconauta, criador do universo ficcional da Aurora Pós-Humana, artista transmídia com múltiplas premiações nacionais e internacionais. Pós-Doutor em Arte e Tecnociência pela UnB, Pós-doutor em Quadrinhos e Performance pela UNESP, Doutor em Artes pela USP, Mestre em Múltiplos Meios pela UNICAMP, Arquiteto e Urbanista pela UnB e Professor Titular da Faculdade de Artes Visuais da UFG, onde atua como professor permanente no PPG Arte e Cultura Visual e Coordena o Grupo de Pesquisa Cria\_Ciber há 18 anos.

## Pródromos de uma espécie...

O que não consigo me acostumar aqui (vou te contar enquanto nos escondemos juntos, você sem rosto na sombra) é a pequenez.

Ursula K. Le Guin



dentre uma neblina de microplástico e cheiro de óleo e neon queimados, havia um galpão esquecido. o clima era de infância perdida e graxa nos sonhos. eu, uma criança, não sei a quantas eras, via luzes piscando como um coração mecânico com arritmia. também ouvia uma música de latas enferrujadas amassadas. seriam as últimas gotas da chuva ácida, de logo cedo, que desde uma poça, caem sobre as asas metálicas de anjos caídos? entro. eu esperava um vazio. mas apenas vejo a per-

petuação de um monte de nada. sou órfão de tudo, exceto de circuitos, mas sinto fome. ali no fundo, há dois contêineres. em cada, há um corpo. acho. sigo para mais perto. quero saber quem está neles. piso na lama cáustica, sangue biomecânico de juízes sem juízos. há muito fungo negro por aqui. retiro todos esses radiotróficos das telas para ver melhor. estou fascinado. os reconheço. eu me lembro. no primeiro contêiner, há um corpo remendado com promessas de herói patriótico, músculos soldados a frio, feito de metal orgulhoso, brilhante para obedecer e triunfar. no segundo, o corpo dorme como um poema de porcelana rachada, sua boca está pronta para morder o destino com dentes artificiais que conhecem seu prazo de validade. hesito, sou muito pequeno para interceder pelos destinos desses deuses remendados. mesmo assim, eu, criança pré-cyberpunk, dou uma risada como estalos de fios desencapados. mordo meus lábios. com fúria, prazer e fascinação. quero sangrar um pouco diante deles. que a primeira gota desta minha mordida dolorida decida por mim, qual dos dois me conduzirá ao futuro. o corpo melhorado para vencer e servir, ou o corpo condenado a sentir o peso da própria aurora?

*(Entre Seis Milhões de Dólares & Lágrimas na Chuva  
– AmAntE da hErEsiA)*

Um personagem que sempre me fascinou, desde meu primeiro contato com a ficção científica, em tenra idade, foi o ciborgue. Certo que, na minha infância, eu não sabia muito bem o que distinguia um Steve Austin<sup>1</sup> (1973) de um Roy Batty<sup>2</sup> (1982). Mas a relação entre orgânico e sintético já me fascinava: ser algo mais do que nossas limitações biológicas. No entanto, muitíssimos anos depois, quando eu já não era mais adolescente, foram os contatos com a literatura cyperpunk de William

---

1. Protagonista da série de televisão estadunidense de ficção científica O Homem de Seis Milhões de Dólares (*The Six Million Dollar Man – 1974 a 1978*).

2. O grande antagonista como líder dos replicantes renegados Nexus-6 do filme estadunidense de ficção científica Blade Runner, dirigido por Rydley Scott, em 1982.

Gibson<sup>3</sup> e Bruce Sterling<sup>4</sup>, e com os visuais de Akira<sup>5</sup> (1988) e de Blade Runner (1982), que passei a imaginar que essa realidade poderia ser a minha, num futuro não tão muito distante. E assim foi. Mais alguns anos depois, conheci o texto da bióloga e filósofa estadunidense Donna Haraway, intitulado *O Manifesto ciborgue – ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*<sup>6</sup> (1985). O ano já era o de 1999<sup>7</sup>. Estávamos prestes a testemunhar o famigerado *bug* do milênio<sup>8</sup> (bug Y2K). Eu, já anarco e punkista, me graduando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB), e ávido por revolucionar o mundo à minha volta, decido me tornar uma espécie de cyborgpunk eletroanarquista.

“somos todos quimeras, híbridos teorizados e fabricados de máquina e organismo; em suma, somos ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele nos dá nossa política”  
Donna Haraway

Haraway me dera, de presente, uma metáfora poderosa para a política radical que eu queria ver se realizar. Minha leitura interessada e interesseira de seu manifesto, me inspirou a criar um coletivo cyberpunk chamado “Força Tarefa Cybionte”. E nossa primeira aparição pública foi o Primeiro Encontro de Cibercultura de Brasília, realizado

---

3. Escritor canadense de ficção científica, conhecido por cunhar o termo cyberpunk, criando uma especulação do futuro onde a tecnologia avança, mas sem melhorar a vida das pessoas.

4. Escritor estadunidense de ficção científica, responsável por ser um dos grandes definidores do cyberpunk como um gênero da ficção científica.

5. Animação japonesa cyberpunk escrita e dirigida por Katsuhiro Ôtomo.

6. HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna.; KUNZRU, Hari.; TADEU, Tomaz (orgs). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

7. Li este manifesto numa cópia de xerox que circulava pela universidade.

8. Previsões de que aconteceria um grande desastre nos sistemas informatizados (sistema de bancos, telefonia, transporte, energia e outros serviços) causado por um erro de programação ao passarem do ano de 1999 para o ano de 2000.

em 05 de novembro de 2000<sup>9</sup>. Aurora do novo milênio. Crepúsculo da humanidade como conhecíamos. O século XXI se abria para nós, cheio de esperanças libertárias em relação ao ciberespaço. Um novo território onde nos conectaríamos com pessoas do mundo inteiro – ah... cyberpunks ingênuos e cheios de esperanças. Nele trocaríamos experiências e criaríamos soluções coletivas contra a governança global que avançava para cima de nós. Nesta época a simbiose que eu sonhava era a da minha mente com o meio que propiciava a conexão com outras mentes. Um ciborgue com o cérebro expandido. Uma espécie de Borg (1989), da série *Star Trek – The Next Generation*<sup>10</sup>, só que, em vez de termos uma rainha centralizadora de nossas ideias, teríamos uma ágora virtual descentralizada.

Nesta zona cinza entre a utopia e o apocalipse, criei meu primeiro experimento de zine expandido: a 3137ropUnX (*/eletropunks/*). Um disqueteZine que continha, não só meu zine em “txt”, mas textos e imagens para quem quisesse criar seus próprios zines, ou mesmo estudar as maravilhas ali dispostas. Eram incríveis 1,44 Megabites repletos de conhecimento e arte para a acracia. Uma pequena capacidade de armazenamento, mas um gesto gigante para a insurgência de nossas ações diretas de “conhecimento é poder”. Primeiramente, porque esse pequeno disco de mídia era adquirido sob a praxis Freganista<sup>11</sup> – apropriação revolucionária. Em seguida seu conteúdo era coletado e criado em computadores com acesso à internet, na Biblioteca da UnB – época em que poucas pessoas tinham computadores em casa, e menos ainda acesso à rede. Para em seguida ser acessado

---

9. Um raro registro em vídeo do evento: <https://youtu.be/rIlHhlsEv7s> – acontecido no Espaço Cultural Renato Russo, 508 sul, Brasília, DF.

10. Jornada nas Estrelas: A Nova geração (1987–1994), série de televisão estadunidense de ficção científica, criada por Gene Roddenberry (1967–1991).

11. Do Freganismo, um estilo de vida baseado no boicote ao consumo e na ação direta contra o sistema econômico que explora os seres humanos.

nas Lan Houses<sup>12</sup>, nossos espaços coletivos de entrada à *World Wide Web* – o último local em que a rede social não era mediada por aparelhos, mesmo que rodeados por eles. O melhor de tudo era que um disqueteZine 3137ropUnk circulava de mão em mão (1999–2002). O que interessava era seu conteúdo, não seu objeto. Apesar de que hoje em dia, um 3137ropUnX desse é uma verdadeira relíquia.



12. Estabelecimento comercial onde as pessoas pagam para utilizarem computadores com acesso à Internet.

## MANIFESTO/GLITCH/REBOOT :f0rça-t4r3f4 CYBIONTE ✕ ✕

(nem lei lê — só quem sangra pixel)

### I//R4CH4D0 //2// BR4-SI-LI-4

rachadura |

concreto vibrando |

crianças-cyborg mastigando sucata de satélite |

NOTT3: antenas crescem das veias do viaduto

SIG/NOTA/ALERTA

o Eixão pisca (P ~ \_ T) como um reator prestes a sorrir

< +++ ruído +++ esperança >

// NÃO ESPERE O FUTURO ///// F4BRIQ//U

### II//SIN4PSE-F3RR0-F0G0

(dedos com graxa apontando pro céu > erro 404 deus não encontrado)

NÓS = cybiontes punk • sem patrão • sem perdão

implantamos BIOS na utopia, tatuamos firewall na pele,

injetamos poesia com seringa de etanol e banda larga

TOMA → TOMA → TOMA

um verso pra cortar cerca elétrica

um byte pra explodir protocolo

um grito para corromper o Senado.exe

▬ FORÇA - TAREFA - CYBIONTE

— (versão instável, não recomenda reiniciar)

### III//EX3CUÇ40°FIN4I

BR4S!L!4? não. BR4S!L!HAKED.

sudo chmod 777 /sonhos

sudo rm -rf /medo\*

rede neural do cerrado uiva:

R3P L I C A — R3PLIC4 — R3PLIC4

(lambe-lambe digital grudado no vento)

(código em spray na Asa Sul)

(poeira vermelha = confete de revolução)

### FUTURO EM BETA PERMANENTE

quem ler, copie | quem copiar, lute | quem lutar, ligue as máquinas.

\_transmita // contamine // espalhe.exe\_

AM4NHÃ É INV4SIÃO.

Além da *praxis* da ação direta cyberpunk com o que se tem à mão, no pós-bug-do-milênio, passo a considerar a noção de “prótese” como algo de extrema importância. Ou seja, ao meu corpo somente acoplarei aquilo que o expande. Corpos que se revolucionam de maneira artificial e intencionada – enfim, um design inteligente e especulativo como cuidado de si e cuidados voltados a outres. Nessas trilhas, à minha mente, dispositivos que a amplie. Isso significava que realidades imaginadas pós-humanas, utopias nem sagradas, nem naturalistas, visões de futuros de vitalidades pós-biológicas deveriam ser tragas à existência. Desse modo, minha ancestralidade não teria uma importância, nem maior, nem menor que minha futuralidade. Para um mundo novo, precisamos de uma nova sensibilidade e de uma outra intelectualidade. E aqui um projeto de vida se abria: experimentos para ambos, estou certo que os farei até meu último dia. Mesmo que no meio desse caminho nos tornemos amortais. Certo que no início dessa minha trajetória anarco-ciborgânica-punk, eu pensava as próteses em termos muito literais ainda. Eu imaginava que teríamos a total liberdade de poder criá-las em nossos quintais. No entanto, pouco a pouco, os próprios conceitos que eu ia criando, individual e coletivamente, passavam a se anunciar como tipos de próteses, no caso, expansões intelectuais poderosas. O que era literal passava a se tornar metáfora: as próteses materiais plugadas em minha mente se tornariam próteses intelectuais para serem plugadas no mundo.



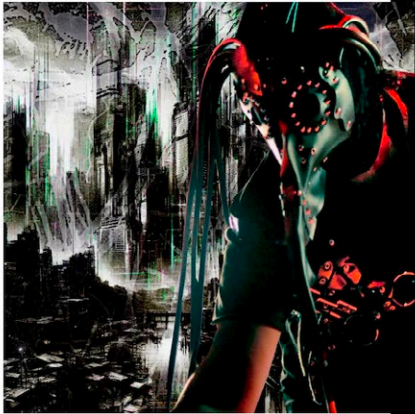
Os plugues de “próteses intelectuais” que mais gosto são as figuras de linguagens. Pois elas, me abrem as vias mais saborosas para as ideias que as realizarei em campos expandidos. Assim, a noção de “simbiose” surgiu para mim. Lá, na aurora desse milênio, em nossa “Força Tarefa Cybionte”, para nós, tudo o que era “Cyber” nos era entidade viva. Um organismo diferente do nosso, cuja relação utópica conosco, era altamente benéfica. Em nossas realidades imaginadas, a união entre Cyber e Organismo criaram a entidade viva ficcional chamada “Cybionte”. Num momento pré-*smartphone*, 2001, imaginávamos que uma pessoa que carregasse discos de mídia, que os distribuíssem, e facilitassem o acesso de suas informações, sem precisar de Lan-Houses, seria a ancestral dessa nova entidade. No entanto, o que estava por trás dessa ideia, não era a tecnologia que o capital nos prometia para adquirirmos logo mais, e sim, o *ethos*<sup>13</sup> e o gesto primordial do fanzine. Sim! Aquela tecnologia comunicacional de ponta criada por volta dos anos de 1950 por fãs de ficção científica. No entanto, essa consciência só me chegou vinte anos depois da criação da 3137ropUnX e de tal coletivo anarcocyberpunk. Somente após eu ter vivido várias experiências zineiras (programa de rádio, editora artesanal, blogs, web-séries), e criado vários experimentos zinescos (K7, VHS, CD, DVD, elétrico, digital e impresso). Uma condição interessante que aqui se abriu foi a

---

13. Palavra grega que significa “caráter moral”. Em filosofia é utilizada para se dizer sobre um conjunto de costumes, hábitos, ou crenças, formadores do caráter e definidores da identidade de uma coletividade.

de que os fanzines não só serviam para a comunicação, mas que, por meio deles, também organizaríamos nossa compreensão e nossa relação com as coisas, de modo autônomo, experimental e visceral.

Assim, a consciência que adquiri foi a de que, no meu caso, os zines punks, anarquistas e cyberpunks, não eram tão somente um tipo de suporte material para a livre expressão do pensamento. Mas que vinham me servindo, tanto como instrumento para exercitar meu intelecto, quanto ferramentas para criar um complexo laboratório para explorar minha sensibilidade. Sem negligenciar, nenhuma dessas duas dimensões, como sendo, também, experimentos em si mesmos. Minha criatividade teve início na tentativa de me expressar via a máxima do faça-você-mesma, no entanto, ela foi se expandindo por meio do *ethos* coletivo de ser zineiro. E este logo eleva minha criatividade ao exercício de co-criação de mundos para todes nós: façamos-nós-mesmas! Nós, quem? Punk e anarquista? Não somente, nós, todes em redes. Desse modo, meu intelecto se realiza tanto como um esforço individual, quanto uma coautoria. Somente crio fazendo coro com as mais diversas vozes desobedientes e em rebeldia, em pleno exercício cooperativo e mutualista. Claro que de vez em quando, rola uma pequena competição aqui, um desentendimento acolá. Mas qualquer uma delas, jamais se torna o centro. Em desobediência minha sensibilidade, passa a ser colocada em experimento, para que, com isso, eu consiga explorar outras potencialidades linguísticas de expressão. É aqui o gesto zineiro começava a se realizar em outras dimensões expressivas da arte. E, em cada uma delas, a partícula “Zin” passa a ser extraída desde suas entranhas semânticas, ao ponto de, na superfície gráfica tornar-se indicação desse gesto. Mas é válido lembrar que a relação entre intelecto e sensibilidade não se dá em linha reta, mas sim em espiral. Ambas dançam em movimentos circulares arrastando uma e outra a novos movimentos. Sem hierarquia de uma para a outra. Ora uma pode conduzir, ora outra, ora ambas, e assim por diante.



Quando o Último Servidor cair,  
e o mundo perder seus algoritmos,  
um **Zinbionte** surgirá como corpo-diretório primordial,  
abrirá o peito como pasta sem senha,  
e liberará o acervo que ninguém lembra ter pedido.  
Não para salvar —  
mas para **libertar da necessidade de salvar**.  
Pois toda sabedoria que se guarda apodrece,  
e toda sabedoria que flui **ilumina**.

1n5370\_1n51d3  
In AmAntE  
da hErEsiA

Como tudo até aqui foi realizado na *praxis*, ou seja, no esforço, na dedicação e na generosidade, a mencionada consciência não veio do nada. Ela foi vivida, convivida e, por fim, sintetizada em meu doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PP-GACV) na Faculdade de Artes da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). E sob orientação do Ciberpajé<sup>14</sup> (aka. Edgar Franco) e coorientação de Gazy Andraus<sup>15</sup>. Momento não experienciado para se construir uma carreira futura, mas sim, como exercício no agora, de paragem para fins de reflexão criativa e propositiva, sobre toda a minha história, sobre pessoas que me são contemporâneas e me inspiram e, sobre todos os meus feitos artísticos solos e coletivos. Não apenas uma mirada ao passado, mas realizando coisas no agora e seguindo rumo a futuros possíveis. Foi nesse espaço de paragem, reflexão e criação que fiz o seguinte experimento de sensibilidade: se no Existencialismo<sup>16</sup> de

14. <https://ciberpaje.blogspot.com/>

15. <https://www.youtube.com/@gazyandraus-gazine2160/videos>

16. O Existencialismo é uma corrente filosófica europeia, desenvolvida entre os séculos XIX e XX, cujos princípios investigativos se apresentam no modo como os seres humanos existem no mundo.

Heidegger<sup>17</sup>, há os “Existenciais<sup>18</sup>”, em minha expressão vital zineira, posso criar um “eXistenZinalismo”, e seus “eXistenZinais”. Os trago à existência, não como seres virtuais em si mesmos, mas como seres que apenas existem na forma simbiótica, ou seja, em ZINbiose. E trazendo de volta minhas ideias de próteses, cyborgpunks e ficção científica, não é mera coincidência as relações de tudo isso com eXistenZ (1999), de David Cronenberg. Só que ao invés de bioportas, como nesse fantástico filme, temos as ZINEportas ou, se preferir, os PortaiZines. Zines não como próteses para o corpo biológico, mas para o intelecto e para a sensibilidade. O que não deixa de ser uma relação visceral: os eXistenZinais nos causam tanto dor quanto prazer.

Em Zinbiose, até eu inventar outros, meus eXistenZinais são: o Zineasta, que por meio de seus gestos Zinematográficos, realiza sua desobediência audiovisual; o muZinista, que para compor, realizar improvisações musicais e construir seus instrumentos sonoros, tem a história do fazer zine lhe conduzindo; e as pErformanZins, como um modo também paratópico<sup>19</sup> de performar artisticamente. Lembrando que nenhum deles é uma propriedade, única e exclusiva, parida desde um eu artístico atomizado, que se pretende se destacar dos demais egos: no caso, eu. Mas sim, funções vitais cujos rastros se tornam evidente nas mais diversas pessoas, e que, dentre elas, ali eu me encontro – para o bem, para o mal e para além do bem e do mal. São, em última instância, tipologias de gestos que vejo se realizar por toda a parte. Não em todos os casos, e muito menos em todas as pessoas. Mas em

---

17. Martin Heidegger (1889–1976) foi um filósofo alemão, reconhecido por sua originalidade e um dos fundadores do Existencialismo.

18. São as estruturas mais fundamentais da experiência humana que nos define como *Dasein*, o ser-aí. São eles: o ser-no-mundo (estamos imersos em um mundo de relações), o ser-com (a existência é sempre social), o cuidado (vivemos engajados em algo), ter sido lançado no mundo (não escolhemos nascer), projeto (escolhemos caminhos e projetamos possibilidades), disposição afetiva (sempre estamos atravessados por afetos), compreensão (existir é interpretar) e ser-para-a-morte (um ser finito cuja existência não está garantida).

19. Ver Gazy Andraus: Zines e Arteszines: a Arte das Publicações Paratópicas (2019).

casos singulares que, por causa de sua raridade, podem ser considerados expressões de apenas determinadas formas de vida. E não em “estilos de vida”. São formas mesmas. Pois, se acontecer de modo diferente, tal compromete toda a sua existência. O que também não significa que se nasce com eles. São todos adquiridos ao longo da vida. E sem idade privilegiada para começar essa relação Zinbiótica. Uma vez acoplada tal prótese viva, ambas as existências não conseguem mais viver uma separada da outra. É mesmo uma questão de vida e morte. Ou, caso contrário, uma pseudovida, como as dos zumbis de George Romero (1940–2017)<sup>20</sup>.

AmAntE da hErEsiA – léo pimentel souto – cerrado, 2025

---

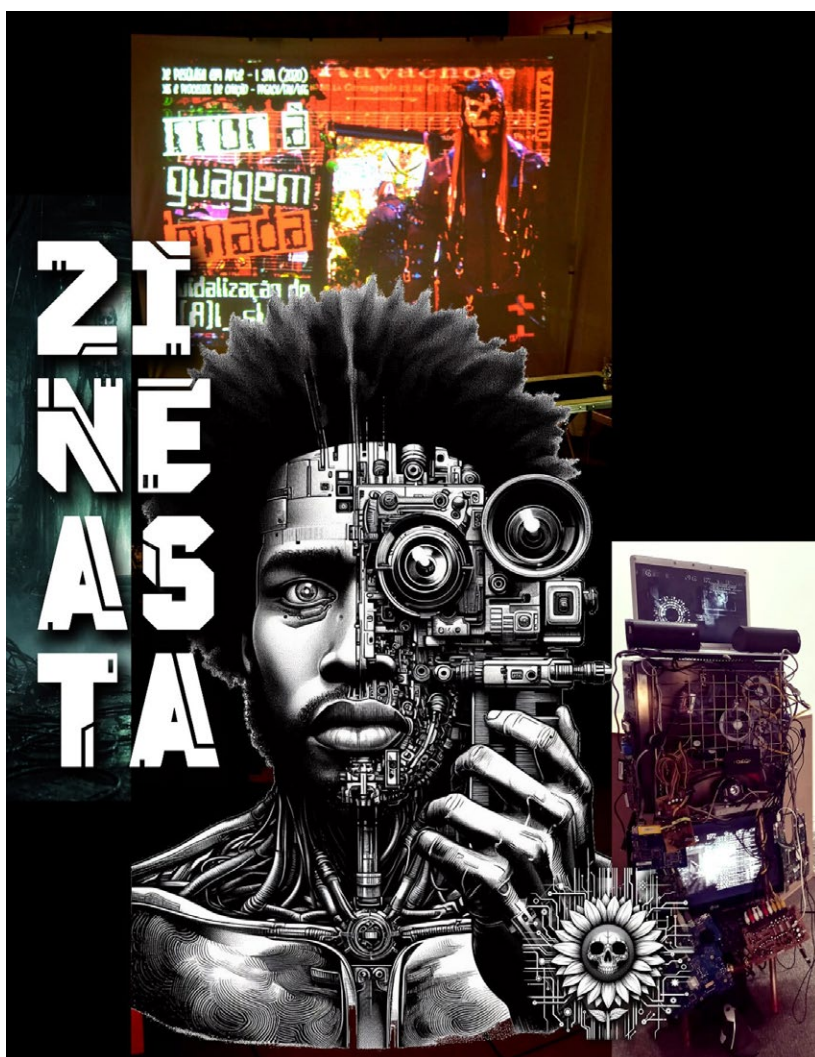
20. A noite dos mortos-vivos (*Night of the Living Dead*, 1968). Despertar dos mortos (*Dawn of the Dead*, 1978). Dia dos Mortos (*Day of the Dead*, 1985).



# Zineasta: uma desobediência audiovisual

Para mim, a linguagem não é o idioma. Talvez um ou outro sejam diferentes, com origens únicas, como o basco e o finlandês. A linguagem é outra coisa, como a pintura e todos os grandes escritores, como James Joyce, que buscavam ir mais além do que é a língua falada.

Jean-Luc Godard



**P**aralelamente ao intenso fluxo de criação e troca de fanzines, entre as décadas de 1990 a 2010, ainda estávamos reféns de um certo horizonte da expectativa. Ou seja, éramos ainda uma horda de espectadoras e espectadores audiovisuais. Mesmo tecendo severas críticas contra: as produções televisivas, da propaganda idiotizante de 30 segundos, aos programas apelativos de auditório, passando pelos telejornais, alienantes e pinga-sangue, e pela televangelização crescente; e à indústria cinematográfica, com sua linguagem massificada e tendenciosa ideologicamente. Claro que tínhamos: videocassetes, mais tarde DVDs; cineclubes de iniciativas populares; um e outro festival de cinema independente ao longo do ano; realizações acadêmico estudantis de documentários; e realizadoras de filmes B, como a Canibal Filmes<sup>21</sup>, e mesmo iniciativas pioneiras de gravação em VHS, de conteúdo zineiro como as do Zinerman<sup>22</sup>. No entanto, para a grande maioria de nós, fazer um filme era algo impossível. Exigia equipamentos caros e profissionais nas diversas áreas técnicas, em todas as etapas da realização cinematográfica: pré, pós produção, cópias e circulação. Era um universo criativo que, naquele momento histórico tecnológico, ficava a milhões de anos-luz de distância do nosso gesto inicial de se fazer um zine com o que temos à mão.

Em termos de circulação de linguagem, é válido lembrar a importância popular da MTV para essa década pré-bug-do-milênio que não aconteceu. Neste momento “onde tudo ainda era mato”, como dizem, sonhávamos com o que chamo de “redistribuição da técnica reversa ao ilusionismo da linguagem alienada”. Isso porque, em termos de

---

21. Produtora de cinema independente, ou de gorechanchada, criada por Petter Baiestorf em parceria com E. B. Toniolli, no município de Palmitos, Santa Catarina, em 1991. Vale lembrar que Baiestorf, antes da Canibal Filmes, já era fanzineiro muito ativo. <https://letterboxd.com/director/petter-baiestorf/>

22. José Zinerman Nogueira. [https://www.instagram.com/zinerman\\_nogueira/](https://www.instagram.com/zinerman_nogueira/)

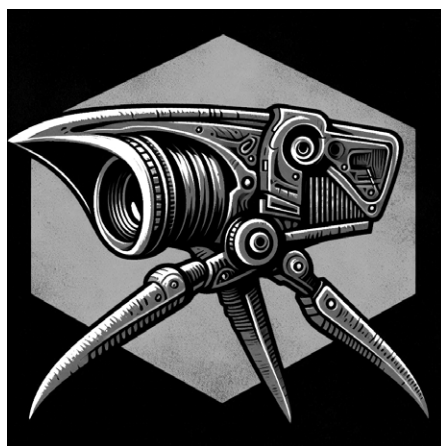
linguagem, o videoclipe usou e abusou da estética do fanzine – sem desmerecer sua extrema contribuição de renovação experimental ao audiovisual<sup>23</sup>. Muita gente realizadora de fanzines desse período de virada de século, tinha o sonho – que nos dias de hoje, se tornou um gesto banal – de fazer vídeos. Mas... somos fanzineiros! Ao mesmo tempo somos pré e pós a popularização dos equipamentos de fazer vídeos e editá-los, e das plataformas de circulação corporativa em massa como Youtube e Vimeo. Nossa visão crítica, já tinha nos deixado vacinados contra o espanto e o fascínio com as Inteligências Artificiais Generativas de audiovisuais complexos. Pois, a desobediência intelectual e de sensibilidade nos impele a estarmos para além disso tudo. Nesse sentido, uma vida inteira vivendo na Zinesfera, qualquer que seja a tecnologia disponível em nossas mãos, faremos zines. A partícula “Zin” torna-se nosso indicativo de como trataremos a mídia em questão.

Я[E]gr[et]Roz [A]N[ro]p[ot]Éc[ri]c[oz]

nº 3.1415926535 x 1099

zin[E][A]tA

Um conceito síntese cuja tese, a função artística e sua antítese, o gesto filosófico se dialetizam de modo a transgredir mutuamente um ao outro. Pela via da tese, uma pessoa Zineasta realiza sua arte Zineira em meios verbo-audiovisuais e não mais por meios impressos. Já que o termo soa como a simples contração das expressões “Zine” e “Cineasta”. Tal pessoa realiza, artisticamente, Zinema. Pela via da antítese,



23. Ver Machado, A. (2000). A televisão levada a sério. São Paulo: Ed SENAC. Neste livro há uma lista dos videoclipes mais importantes em termos de criação e experimentação de elementos de linguagem.

uma pessoa Zineasta tem como filosofia vital o modo zineiro de levar a vida, sem necessariamente realizar Zines. No entanto, atribui movimentações Zinescas a tudo aquilo que realiza, sejam métodos, valores, conceitos, outras obras de arte e até afetos. Tal pessoa constrói, filosoficamente, agires Zinéticos – tendo em vista que afetos e inteleccões também são ações. Por sua vez, ao dialetizar Zinema e agires Zinéticos, ambos se transgridem numa síntese também conhecida como H[A] CKistenZ<sup>24</sup>.



---

24. Trecho retirado de minha tese de doutorado: SOUTO, Léo Pimentel. O zineiro que se expandiu a zineasta e transgrediu-se como meta-artista transmídia da incerteza. 2021. 596 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. | <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11415>

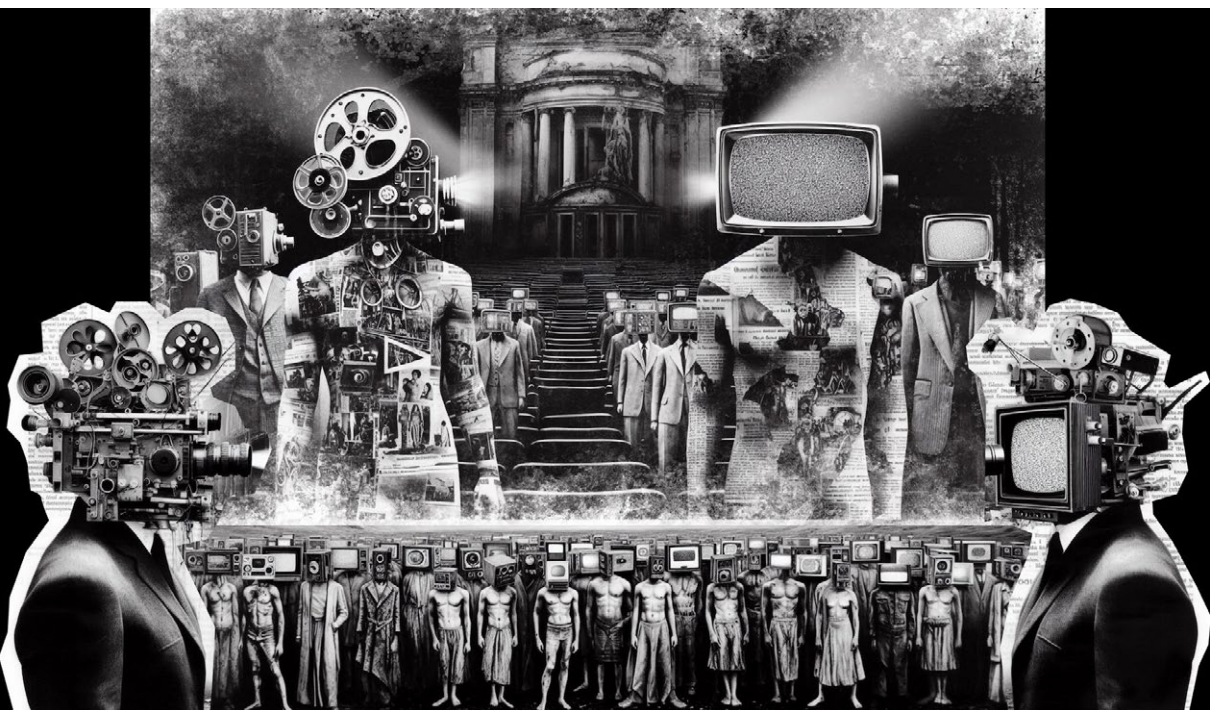
Zineasta! Seria... por acaso... um tipo de Cineasta? Se assim o for, eu, tu, ela, elu, ele fazemos parte da historiografia do cinema experimental? Nós, Zineastas, fazemos parte de um movimento organizado? Temos cartas de princípios? Somos regidos por uma mesma cartilha? É certo que o audiovisual Zineasta é experimental, e por isso, carrega em si, uma desobediência cinematográfica. Mas isso não é condição suficiente para que sejamos lançados para dentro da história desse tipo de desobediência. Já que, contra o quê, o cinema experimental desobedece, é aquilo que está estritamente ligado aos elementos de linguagem comuns a esse tipo de expressão audiovisual de massa. Nós também ficamos fora das salas comerciais de cinema, mas os filmes experimentais se localizam dentro da historiografia em questão, já que seus experimentos estão em conversação direta com a cinematografia. Cria-se um filme para que este seja contemplado por espectadores/as. O que faz com que, não se rompa com a relação que separa cineasta e público. A ruptura é apenas formal tópica. E não estrutural, desde as profundezas de tudo o que tem a ver com seu processo de realização. Seu experimentalismo causa um arrepio na pele, mas deixam as vísceras intactas. Pois, logo mais, ela poderá ser assimilada topicamente, à linguagem mainstream. Torna-se “de arte”. Sim, o cinema experimental é uma desobediência audiovisual, mas... parcial.

Já a desobediência zineasta... esta rompe com tudo o que está envolvido na realização da audiovisualidade: da escolha do equipamento, de captação de imagem e som e seus recursos de tratamento e edição, passando pela seleção do material a ser zinematografado e chegando aos meios de sua circulação. Se fazemos cinema, o realizamos nos exatos processos de criação de um zine: com o que temos nas mãos. Remanejamos tudo o que nos chega enquanto áudio, vídeo, fotografia, e outras artes gráficas, para colocar em movimento, nossas ideias livres. Do equipamento de captação de som e vídeos, aos softwares de tratamento e edição do material gráfico e sonoro que temos em mãos.

Todo o processo tem a liberdade como direção. Até mesmo se usamos aplicativos de celulares, softwares piratas ou livres em computadores, tudo isso para nós é uma questão de debate. E vale lembrar que, a digitalização foi a situação que, tanto popularizou nosso acesso a todo esse acervo, quanto nos possibilitou a apropriação, o recorte, o *remix*, o *mashup*, e os meios de circulação rápido e acessível às nossas criações. No entanto, o Digital não é nossa grande divindade, *No Gods No master*. Fazemos uso dele para expressar nossa rebeldia. Em um uso que questiona todo o processo de realização e distribuição de uma obra digital. Quanto mais o mundo se digitaliza, mais nos tornamos desobediente a ele. Ser Zineasta é, por meios de vídeos, fazer o mesmo que fizemos com as impressões em papel. Poesia, filosofia, política, documental, ficção, visões mágickas, etc., enfim, liberdade de expressão máxima. Realização a baixo custo, ou de custo zero, de maneira sempre paratópica: não vendemos; apropriamos e somos apropriados; não nos tornamos especialistas, mas dominamos nossas técnicas e a imprimimos estilo autoral; usar o audiovisual tanto como uma comunicação em rede, quanto para exercitarmos nosso lado intelectual, e fazermos experimentos às nossas sensibilidades individuais e coletivas; também colocamos em experimento a forma, o conteúdo e seus meios de criação e circulação.

Ser Zineasta, não é simplesmente um modo estético de criar peças audiovisuais. É um ethos e uma visão de mundo. É uma forma de vida simbiote, ou melhor, ZINbionte. A iniciativa parte de um fazer-por-si-mesme, mas as terminativas derivadas são um façamos-nós-mesmes. Ser Zineasta é estar em uma condição do fazer, onde se remixa mutuamente, a autoria e a coautoria. Caso contrário, que a pessoa seja um indivíduo institucionalizado; que realize seus audiovisuais e que converse com a historiografia do cinema. Mas se, caso no meio do caminho, resolva não mais se institucionalizar, e seguir seu caminho paralelo ao oficial... cuidado! Pois corre-se o risco de ser lançado para

as margens de nossa paratopia. E nela, sendo marginal, começar a ter que se comunicar com Zineastas. Pois aqui cabem os mais diversos tipos de divergências. Ser Zineasta é jamais se acomodar no consenso. O dissenso é uma de nossas maiores forças.



Num momento pós-queimada, o sopro cinza da renovação cerraca disse:

– *Quem cruza o umbral U-tr(ó)pic[O] jamais volta a mesma.*

Eu fui – câmera presa por durex no peito, lente rachada e ideia na cabeça – caçar e coletar imagens fora da benção de editais. Por lá encontrei bandos fluidos de nômades em desobediência tópica. Se auto referenciavam como Zineastas Errantes. Seres febris sem pedigree, anfíbios de poças de neon e fitas VHS. Cantavam:

– *Aqui autorias são vísceras compartilhadas.*

Em seguida me ofereceram rostos-pixel, enquanto copiavam minhas ideias no mesmo instante em que eu pirateava as deles. Filmes nasceram ali. Sem roteiro, só respiração e inspirações. Foi neste momento que percebi: ser ZINbionte é isso! Eureka! Filmar com mãos sujas de

digitalizações. Editar com sangue virtual nos dedos. Dissolver o “eu” no “nós”. E o cântico continuava:

– *Quem tenta voltar ao Cinema Oficial, evapora para nós, como nitrato exposto ao sol. Quem fica, ama o dissenso: ruídos, glitches, e abraços entre erros e errâncias.*

E foi dentre essas ruínas luminosas em ruídos do cerrado pós-queimada, que segui filmando e editando, pois parar seria optar pelo consenso. E este é a morte em vida. Prefiro fermentar.

[Microconto: Zineastas e Televidentes – por AmAntE da hErEsiA]

Mic(R)OntO

/// ZINBIONTE

~~ corda de cobre atravessando o céu ~~



[ No BECO — CRT/queimada ]    câmera = arma/tesoura  
{ fita /// VHS /// rasgo }    || corte = ferida ||

zineiro h@ck3ia luz

Rim@c / ruído / pixel sujo / coração catodo

>>> auto \_\_ria <<<

se // copia // espalha //

ecoa em glitch -> ninguém é dono

(fungo\_meme\_fotograma)

~[ツ]~ // museu=estéril //

preferimos lixeira divina do cinema,

l u a r em telha de metal,

projeção errada= MILAGRE.

SER ZINBIONTE = enxame / dissenso

[ um cordel de cabos soltos ]

[ // anti-consenso // ]

...no fim, só o ruído reina...

^^^ luz pichada ^^^

\*filme vivo fermentado\*

{força do improviso}

muZinista:  
escuta ativa e propositiva

# MU ZI NIS TA



Levaram outros anos para a consciência ZINbiônica de ser Zineasta, também despertasse, como tal, nas realizações musicais. Não que tenha sido uma relação temporal de causalidade. Foi sim, tanto uma correlação de fazeres, quanto uma felicidade linguística ao nomeá-los: Zineasta está para Cineasta, tal qual, muZinista está para Musicista. Um quebra-cabeça nominal de encaixe perfeito na língua portuguesa. Mas, voltando à situação da correlação de fazeres, se criamos zines em vídeos, mediante nosso gesto Zinematográfico, também não haveria de existir seu equivalente, tão somente, sonoro? Sim. Tanto que estes já existem. São os audiozines: combinações únicas de som e narrativa. No entanto, não é essa a consciência que aqui surge. Não significa tomar o áudio como uma via de expressão zinesca: aproveitar as tecnologias de gravação, edição e distribuição na era digital. Mas sim, fazer uso do modo zineiro de ser, para fazer músicas, propriamente ditas.

Trata de colocar em prática exercícios estruturais, mais profundos do fazer zines. É torná-lo gesto criativo profundo para a composição e para a improvisação musical, envolvendo também, a escolha e a construção de instrumentos sonoros, para explorar suas possibilidades sonoras, convencionais e inusitadas. Gesto criativo complexo para fins musicais. Seja em exploração, criação e improvisação solo, seja em exploração, criação e improvisação coletiva. E que as pessoas dessa coletividade, não necessariamente, precisam ser muZinistas. O interessante da gestualidade aqui realizada, é que a ela se faz necessário, um tipo particular de exercício de escuta. Terá que ser a tomada de uma atitude ativa e propositiva. Não bastando, simplesmente, ouvir uma música, como fazemos ao contemplar aquela que amamos, mas devemos intervir no modo como a escutamos. Intervenção esta que é torná-la um processo ativo de audição musical, para além da interpretação e do sentimento que ela nos desperta. Escutamos de modo a

fazer nossos ouvidos seguir a tudo aquilo que a eles se apresentam, ao mesmo tempo que nossa imaginação sugere novos caminhos de escuta. Caminhos que, por fim, nos faz escutarmos uma música única, que na maioria das vezes, é irrepetível, devido à condição de que levamos em conta, também o acaso da entrada de sons externos e erros sonoros não previstos – latidos de cachorros, microfonia, objetos que caem, toques e sinais de smartphones, tosses e pigarros, assobios, motores, burburinhos de pessoas cochichando, choros e risadas de bebês, etc.

Mas, sim. Provavelmente, tudo isso deve ter sido já considerado e realizado ao logo da história da música. Em termos estilísticos teríamos, por exemplo: experimental, concreta, minimalista, eletroacústica, *noise*, e improvisação musical não-idiomática. Em termos de elementos de linguagem temos: o *sampler*, o *remix* e o *mashup*. Em termos de sonoridade: frequência, amplitude, timbre, duração, ritmo, melodia, localização, modulação, textura, ruído, dissonância, aglomeração, restrições auditivas e desintêsias. Sendo assim, portanto, o que distingue uma pessoa musicista de uma muZinista? Pois bem. Que tal uma analogia? Assim como uma Zineasta está para a historiografia do cinema, a formação de uma muZinista não nasce de um processo de especialização, muito menos de um profissionalizante. Nasce de uma longa prática de experimentações. Se no primeiro caso, há uma experimentação dos modos de ver e devolver uma visão, no segundo, ela se dá nos modos da escuta, que devolve uma realização musical.

Como tomei a minha experiência como ponto de partida, um primeiro experimento que fiz, já descrito em minha tese, foi o de ouvir, simultaneamente, duas ou mais músicas. Estas de estilos os mais diversos e improváveis juntos, e, enquanto elas iam fluindo pelos meus ouvidos, eu ia usando minha imaginação compondo *mashups* imaginários, encontrando as confluências interessantes entre elas. Eu utilizava vários aparelhos tocadores de música ao mesmo tempo. Outro experimento foi o de considerar todos os sons externos à música como fazendo

parte dela, durante sua execução. A ideia era imaginar que tudo o que produzia um som fizesse parte da(s) música(s) ali ouvida(s). Cheguei a escolher algumas músicas e ir até os mais diversos locais públicos para imaginar como os sons do local interagiam com a música e vice-versa. Além de serem experimentos mentais, também eram experimentos de sensibilidade. Até o momento desses experimentos de imaginação e escuta ativa, eu intervia o mínimo possível na sonoridade. Eu ainda não devolvia música ao mundo.

Depois de alguns anos brincando com essa minha escuta ativa imaginativa, resolvi compor as minhas próprias músicas tendo esse caminhar pelos ouvidos, como princípios composicionais. Mais uma vez, a iniciativa de criar um tipo de arte não vinha de uma educação formal no assunto. Minha formação vinha da vontade de criar, simplesmente. Curiosamente, a primeira ideia que me veio à mente foi a de que essa sonoridade integrada seria uma espécie de “paisagem sonora”. Em seguida, fui pesquisar mais sobre o assunto. Logo descobri que já existia um complexo estudo e análise sobre o tema, a chamada “ecologia acústica”. Também já existiam os diversos tipos de música *ambient*. Aqui, mais uma vez, o zine como expressão de uma forma de vida, se fez presente: todas essas similaridades – ou seriam reaparecimentos? – dos fazeres e dos estilos, são elementos de linguagem de uma muZinista. Não é preciso tentar esculpir uma diferenciação estilística radical sonora que levante um muro entre um “nós e elus” musicistas, gerando um novo gênero musical. Mas, o que nos diferencia é, mais uma vez, nosso gesto.



No jardim sonoro da tarde de raízes profundas e caules tortos, onde violinos eram lírios-de-buriti, violões pequis e flautas caliandras tremulavam como capim dourado nas veredas, o ensaio seguia vigoroso sob o céu pesado de agosto. Araras riscavam de azul o céu laranja de Brasília, e os musicistas — flores múltiplas em harmonia — deixavam a poluição tocar entre elus melodias por entre ipês-amarelos, concreto e asfalto. Foi então que algo diferente germinou na rachadura da rua: uma persona-pixo-pichação, de dedos manchados de tinta de mimeógrafo e *spray*, bolsos cheios de zines dobrados como lindas pétalas negras de uma flor impossível. Nasceu da terra vermelha, por sob o asfalto rachado onde o cheiro de araticum fermenta calor e sonho, raiz teimosa rompendo o chão duro. Mas junto dela vinha também o estalo do fogo — aquele que devora cruelmente na medida que também fará renascer. Bastou essa persona-pixo-pichação abrir suas folhas xerocadas no chão para o ar cinza mudar: um pólen tipográfico-sonoro se espalhou, como chuva tardia encontrando greta. O primeiro acorde-ruído-concreto que soprou tinha o gosto doce do pequi e seus perigos espinhosos; também vinha abrasivo como casca de sucupira em brasa, musical como galho seco no estalo

da queimada. Os violinos estremeçeram — lírios queimando nas bordas — e as partituras, antes alinhadas como fileiras de ipê branco, começaram a ondular como se tivessem lembrado da seca. O som foi crescendo como em labaredas, ruídos que incendeia, e cada som rasgava o ar com a urgência de quem nunca teve permissão para existir. A persona-pixo-pichação, agora flor-de-fogo, ergueu-se entre cinzas férteis e corolas retorcidas: não músico como as outras, mas Muzinista, híbrida-goiabeira-xilogravura, compondo sem pauta, criando com ruído, semente de rebeldia germinada nas margens da rodovia que une Brasília a Goiânia. Quem ouviu diz que não era apenas música — era queimada ambígua, caótica e cósmica, devastando plantações de soja e pasto para que uma nova sonoridade pudesse brotar, insurgir, sem negar nenhuma antes já florida, ou melhor, insurgida.

[microconto: muZinista-guará em Zinfonia cerraca  
– por AmAntE da hErEsiA]

Possso fazer aqui uma outra analogia. O gesto muZinista se parece muito com o gesto veganista. Pesquisando as mais diversas culinárias típicas locais distribuídas ao redor do mundo, podemos encontrar pratos típicos originalmente veganos. Nestas mesmas localidades, para todo prato que se utiliza algum ingrediente de origem animal, os adaptamos, trocando-os, por ingrediente à base de plantas. Mas, com isso o prato em questão não é mais original, mesmo que a troca tenha sido feita por ingredientes também típicos do local. Isso torna o prato em questão, uma versão vegana inspirada no original – mesmo que também se utilize das mesmíssimas técnicas de sua realização tradicional. Conhecendo melhor as plantas, os grãos, as sementes comestíveis da localidade, e os modos de trato, uso, cozimento, etc., começamos a inventar, autenticamente, novos pratos. Com isso passamos a criar uma espécie de transculinária. Pessoas veganas de qualquer parte do planeta se sentirão partícipes diretas dessa nova culinária glocal (global+local). Passando até a também inventarem suas próprias receitas.

O gesto muZinista segue, metaforicamente, com essas mesmas trilhas. Podemos usar instrumentos musicais tradicionais; podemos explorar outras sonoridades nada convencionais deles; podemos transformá-los; e até os inventamos. E na hora de realizar nossa música, faremos usos de tudo o que temos à mão. Assim criamos uma transmusicalidade. Pouquíssimo nos importa se estamos sendo originais, criando aqui algo que jamais foi ouvido um dia. Essa preocupação deixamos para pessoas historiadoras da música. Nossa intenção é encontrarmos os nossos próprios caminhos musicais.

# BERIMBAU



# TRANSÔNICO

*What are the main challenges you are facing when making new music songs? How long did it take you to a new music project?*

We can't know how to say since when we started, as we were born into music, but it has just been 15 years of intense work that has brought this project to life. The only challenge is our instruments are from garbage, they break anytime when we are even on stage, but we have to replace them, which means even the sound of the music has to change automatically, and we have to adapt to it quickly.<sup>25</sup>

Interview with Fulu Miziki a collective of artists  
with unique sounds and style - September 22, 2020  
by Dominique Musorrafti<sup>26</sup>

Há um outro-gênero muZinista que surgiu a partir de uma fantástica interação com a brilhante poeta e escritora underground de Goiânia, Francielle Thaiane<sup>27</sup> (poesia solta):

**VerboMuZinista:** um modo de experimentação poético-musical onde se coloca a palavra como princípio gerador da obra<sup>28</sup>. Palavra posta, ora como narrativa, ora como poesia, ora como relato, ora como sonoridade, palavra solta, em frase, inventada, dicionaresca... poética zineira em seu grau mais refinado de abstração e experimento verbal.

---

25. Em tradução livre: Quais são os principais desafios que você está enfrentando ao fazer novas músicas? Quanto tempo você levou para um novo projeto musical?

Não podemos saber como dizer desde quando começamos, como nascemos na música, mas tem sido apenas 15 anos de trabalho intenso que trouxe este projeto à vida. O único desafio é que nossos instrumentos são de lixo, eles quebram a qualquer momento quando estamos no palco, mas temos que substituí-los, o que significa que até mesmo o som da música tem que mudar automaticamente, e temos que nos adaptar a ela rapidamente.

26. <https://retrofuturista.com/interview-with-fulu-miziki-a-collective-of-artists-with-unique-sounds-and-style/> - acessado em 02 de janeiro de 2026.

27. <https://www.instagram.com/poesiasolta.ft/>

28. O primeiro experimento de Francielle, que marca a origem desse outr-gênero, é “Delírio – uma verbomuZine”: <https://youtu.be/HyaYQ529G9w>





# PERFORMANZIS

**pERformaNzIs:**  
corpos em ato de comprovação

**N**as duas expressões eXistenZinais anteriores, Zineasta e muZinista, no contraste por analogia com expressões similares foram necessárias: Cineasta e Musicista. Para esta terceira, a pERformaNZI, não será preciso o uso de uma contrastante: nem desempenho esportivo, nem a performance como arte contemporânea. Começaremos desde um em-si-mesmamento, mas sem mesmidades. Já que, antes de tudo, a transmídia é nosso princípio, meio e horizonte. É por ela que abriremos fendas. E, por estas veremos como essa terceira expressão eXistenZinal se realiza.

É bom, sempre lembrar que, o zine surge como ruptura – muitas vezes indigesta, como é o zine punk. Rompe-se com a forma, com o conteúdo e com os meios de circulação oficiais. Disrupção marginal e periférica que geram ethos cooperativos, mutualismos criativos, e outras visões de mundo mais livres e com boas doses de crítica. Se a essa ruptura acrescentamos – além de paixões e vísceras –, talento, técnicas, linguagens e capacidade criadora, temos a Zinesfera como um verdadeiro cosmos em ebulição de insurgência permanente. É este o espírito que anima nossas p3rformaNZIs. Por costume, sem melhor expressar o que fazíamos, usávamos a noção de “performance”. Mas faltava, em termos conceituais, aquela felicidade de encontrar um nome certo que sintetizasse nosso gesto zinesco, neste tipo de expressão artística que nos metermos a realizar. Eis um desafio lançado pelo próprio Ciberpajé. Desde então, passaram-se vários meses. Até que, numa madrugada, assistindo ao maravilhoso [E]nsai[O] U-tr[ó]pic[O]<sup>29</sup> do multi-talentoso Filósofo-Zineasta Daniel Figueiredo<sup>30</sup>, bem na cena em que o Ciberpajé fala de nossas “performances”, o diabinho do ZIN soprou em meu ouvido: “performance não, performanzi”! Como num golpe de capoeira, saltei de minha situação confortável, direto para o quadro branco que fica fixado na parede, em minha frente, ao lado de minha televisão. Num gesto coreografado, de contornos ninjas, peguei um marcador e, num movimento, de destreza impecável de um ronin quilombola, grafei no quadro branco, a palavra soprada<sup>31</sup>. Filmei todo o processo e envie para o Ciberpajé. Sonhando que, por fim, o desafio tinha sido solucionado.

---

29. O filme retrata pela perspectiva do diretor/pesquisador Daniel Figueiredo as performances que ocorreram no evento Ciberpajelaças V (2024). Onde participaram Ciberpajé, Amante da Heresia, Rennan Queiroz, Luiz Fers e I Sacerdotisa Rose Franco.

30. <https://www.instagram.com/srdanielfigueiredo/>

31. Qualquer semelhança com alguma história da criação artística de Miyamoto Musashi (1583 – 1645), pode ser, mera coincidência.



Sim, para nossa felicidade, agora temos um nome, cuja própria grafia, já é uma ação performática diferenciadora, que indica, de forma direta, o processo artístico envolvido aí. Primeiramente, de modo deliberado, nem tanto arbitrário, mas sim caótico, trocamos a sílaba “ce” pela “zi”. Feito isso, encontramos dentro das sílabas restantes, as letras “n” e “e” que completam a palavra “zine”. Aquilo que nos é expressão direta de nosso ethos e visão de mundo. Só que para tal leitura, é preciso realizar uma meia volta. Lemos “Zi” da esquerda para a direita, mas é preciso ler o “ne” da direita para a esquerda. Para indicar melhor essa meia volta, acrescentamos duas setas, ao mesmo tempo em que, colocamos as letras em questão em maiúsculas e invertidas. Desse modo a própria grafia da palavra já é uma performanzi gráfica – metaforicamente falando, claro, para não abusarmos semanticamente do termo.

numa zona intermediária médica abandonada, cinza, nada permanecia imóvel: tudo era movimento, dança em convulsão. as lâmpadas não oscilavam ao vento seco do inverno no cerrado — tremiam, estouravam em pulsos de luz negra que rasgavam o espaço como síncope. o chão, de asfalto remendado, vibrava em micro-abalos, quem por ali passasse, involuntariamente tornavam-se performers. seus pés arrastavam passos tortos, seguros de si, como os galhos biomecânicos dos ipês neons, mas corrigidos à força por próteses discursivas cravadas na coluna, que puxavam, travavam, soltavam, como mãos invisíveis e impacientes de macacos-prego elétricos. sob a pele, os chips hackeados enxertados não ondulavam: sacudiam-se, placas de dados rangendo delícias contra o músculo. ouve-se estalos internos que marcam compassos irregulares de uma pesada música de 666 bpms. cada gesto dispara sensores, e a dor já não vem em doses suaves, homeopáticas — vem em movimentos de espirais elétricas em curto-circuito, atrasadas, dissonantes, fora do tempo. este lugar obriga nossos corpos a reagir antes de pensar. nossas mandíbulas batem fora de sincronia. mastigamos matéria orgânica dançante em movimentos bruscos; não temos pudor. cuspiamos, mucos genitais e saliva são lançados quebrando a densidade do ar. fragmentos de ação caindo como faíscas de grossos fios desencapados num palco instável. o suor nos escorre desordenado. sangue surge em trilhas mais largas, mancham ameaçando escorrer, mais e mais, antes que qualquer sistema se anuncie para tentar intervir. nossos nervos recalibrados tremem em êxtase holográfico, parafusos internos de nossas próteses giram demais, depois de menos, ajustam nossa postura que já havia falhado, infundáveis vezes. por entre esses centros cirúrgicos biohacker improvisados, bisturis a laser dançam sozinhos, sentimos seu calor roçar nossas peles. cabos sujos de graxa se enroscavam, telas piscam gráficos-pixos em colapso, números tropeçam uns sobre os outros. a repetição deixa de ser harmonia. virava exaustão libidinal: o loop range, atrasa, salta quadros. já basta de dadaísmo aos nossos movimentos. nossas vísceras bioluminescentes não surgem como teoria estética, mas sim como um ruído grave, denso, de quebrar ossos, que atravessa a insensibilidade artística e a implode — a repetição de nossos atos nos é pulsão de morte, contra ela uma pulsão de vitalidade que lhe choca

como um bom muro de punho fechado. arte marcial? talvez. certamente é dança. “arte de combate como o frevo”, dizem nossos novos órgãos transplantados — mas chegou a hora do chão ceder, do ritmo sangrar, e por um instante perigoso, nosso corpo, perto demais dessa beirada, se lembra que performar pode ser uma imensa e belíssima queda neste abismo. isto chama-se p3rformaNZI!

[microconto: pós queda do céu – por AmAntE da hErEsiA]



O ato de uma p3rformaNZI é como um zine expandido, cujo alcance chega a um corpo em ação, em meio a diversas outras mídias: figurino, cenário, música, vídeo, coreografia, tatuagem, etc. Nossos corpos se dispõem livres em cena, em *cosplay*<sup>32</sup> de nós mesmos, para sermos personagens outros ou não, tendo roteiros ou não. Tendo roteiros e/ou personagens, seguimos uma linha de acontecimento minimamente ensaiado. Pois há uma narrativa aí acontecendo e, não abrimos mão de improvisações que venham ampliá-la.

32. Prática de se vestir como personagens de filmes, animes, jogos, HQs e outras mídias de ficção. A palavra “cosplay” é a combinação de “costume” (fantasia) e “play” (representar).

Ao mesmo tempo em que o erro faz parte de nossa visão de mundo. Somos errantes, em todos os sentidos da palavra. Não tendo roteiros e/ou personagens, nossos movimentos corporais, em coreografia espontânea e inspirada pelo momento, seguem o que na música chama-se de “comprovação”<sup>33</sup>. Ou seja, compomos p3rformaNZIs por meio de movimentos improvisados que, podem ter conotações simbólicas, ou não. Em ambos os tipos, são nossas presenças em ato que determinam o contexto de fruição e de interpretação. É preciso estar no local junto com a gente. É relação direta, olho no olho, pele com pele, cumplicidade entre vísceras. Caso seja filmada, por alguém comprometida conosco, a filmagem também deve se dispor como ação performática do olhar. A cumplicidade seguinte se dá na edição desse material captado. Como foi o caso do Daniel Figueiredo mencionado acima. A câmera faz parte do corpo em ato de quem filma. Ela performa como prótese ocular. Desse modo, o vídeo resultante, filmagem e edição, não é, tão somente, um registro daquele acontecimento, já que é impossível substituir a presença, mas sim uma p3rformaNZI expandida em gesto Zinematográfico.

Uma p3rformaNZI é multimídia na execução em ato e transmídia, da concepção à sua reverberação. Pois todos esses momentos que a circunscrevem estão relacionados com outras criações de quem a realiza. E uma condição crucial de diferenciação de fenda, é que uma p3rformaNZI, faz parte de um universo ficcional que lhe dá origem e contexto. O que não impede de acontecer entrecruzamentos de universos ficcionais. Por exemplo: as relações entre a “Aurora Pós-humana” do Ciberpajé, realizada em suas histórias em quadrinhos poético-filosóficas, e as “performances”<sup>34</sup> de seu projeto musical Posthuman Tantra; e a “performance” de *tattoo-fiction* realizada com a participação de

---

33. Comprovisar é uma prática artística que, para sua realização, faz-se uso tanto dos processos composicionais quanto dos improvisatórios. É propriamente a articulação entre os fluxos de uma interpretação intencionada com os fluxos da indeterminação, aleatoriedade, intuição, e outros.

34. Usarei a palavra “performance” entre aspas apenas para diferenciar um termo da linguagem comum do conceito que criamos e que aqui o estamos melhor definindo.

Rennan Quieroz (tatuador) e Luiz Fers (figurinista), que se insere nas múltiplas narrativas do Cerrado Elétrico” de Amante da Heresia. Para melhor visualizar o primeiro exemplo, há um brilhante artigo escrito pela IV Sacerdotiza e bióloga Danielle Barros, chamado *Adaptação de uma HQ Poético-Filosófica para Performance Transmídia: Da HQ “Borbopoemas” à Performance “O Selvagem”* (2014)<sup>35</sup>. E para melhor visualizar o segundo exemplo, ver as relações entre o próprio filme [E] nsai[O] U-tr[ó]pic[O] de Daniel Figueiredo e o cordel T2. KN[A]stra de Amante da Heresia. Nossas p3rformaNZIs envolvem HQs, Filme, Cordel, Figurino, Projeção de vídeo, Realidade Aumentada, Música, Gestos e Tatuagem. Todas elas são usadas como elementos de linguagem para desenvolver e expandir universos ficcionais. Desenvolvimento e expansão por meio das fendas que por elas abrimos.

Como prometemos que não contrastaríamos conceitualmente nossa ação-de-corpo-em-ato de pErformaNZIs, com as ações-de-corpo-em-ato conhecidas como “performance artística”, deixaremos isso para especulações de quem quiser melhor pesquisar o assunto. Para nós é suficiente dizer que as relações entre ambas as formas são poéticas. Ou seja, Poéticas que se distinguem pelo tipo de presença corporal realizada, mas que se aproximam, quando ambas querem dizer algo dissidente, por meio da presença radical. Por exemplo, nossas p3rformaNZIs estão muito próximas de várias performances realizadas pela incontornável Bia Medeiros (1955–2024), a grande artista autoproclamada Rainha da Fuleragem e coordenadora do coletivo *Corpos Informáticos*<sup>36</sup>, pela sua crítica política sobre as relações corpo, tecnologia e política, do que pelos seus modos de realização. Bia, *Corpos Informáticos* e nós, somos irmãs e irmãos nas gambiarras, nos zines e em outras fuleragens.

---

35. <https://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Danielle%20Barros%20Silva%20Fortuna.pdf>

36. <https://www.corpos.org/>

A fuleragem, a mar(ia-sem-ver)gonha, brinca, mas também bronca. Pula corda e erra, joga pique-bandeira e cai, se machuca, mas não chora, esco. Ela desvia, se infiltra nos eventos, nos cargos de poder, escreve livros e trai a si mesma. Ri quando descobre mais um outro e chama para o jogo: performance, corpo, política. O segurança da CAPES vigia atrás do vidro fumê enquanto a fuleragem se despe (Medeiros, 2017, p. 45).



fu\_ ra : g\_em.exe

mar(ia-sem-ver)gonha ri ran ge br nca brn-ca p l a : co - rda fa lha pique-ban- ↓

jo\_ lho\_ aber buffer\_ aberto dor\_ → o esco a des/ via firelwa\_ social by-pass infiltra\_

ocupa\_ c\_ go.log escreve\_ auto-traição. quan-do +lo chama{ } corlpo//perf //poll

riso^ ^ sistema\_ CA P E S.sec ↵ sca n sca vidro.f nada nada\_ enqu fule- despe\_

despe\_ solta\_ ∴ ∴ em\_exe ↵

37. MEDEIROS, Maria Beatriz de. Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. *Art Research Journal*, v. 4, n. 1, p. 33-47, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.36025/arj.v4i1.11808>>. Acesso em 03 jan. 2026.

## Anexo:

# Zintelektualidade & SenZibilidade: mAniFestO ZINtelectuAl (2021)



insurge, desde o horizonte da zinesfera para o mundo, uma grandiosa personagem. grandeza esta por contribuir, com sua presença, com o impedimento das tiranias de uma classe dominante pós-letrada. contribuição cuja finalidade é colocar mais potência aos atos que visam destruir o novo coronelismo eletrônico. destruição cujo gesto criador grita: *alienações da linguagem escrita, visual e informacional não passarão!* alienações cuja tragédia anunciada é o viver a cultura, tão somente, assistindo e utilizando a linguagem youtubesta e fazendo dancinhas – a herdeira mais sutil e ardilosa da linguagem televisiva de espetáculos midiáticos. o analfabetismo digital, imagético e audiovisual não deve amplificar o analfabetismo propriamente dito. eis os esforços da mencionada grandiosa personagem: vencer todos esses analfabetismos de uma só vez em uma mídia de campo expandido.



logo blogs, redes sociais online, sites de mídias, formais, informais e tradicionais tratarão dessa personagem de modo a tentar reduzi-la à slogans e a palavras de ordem. logo a televisão, o rádio, o cinema, a indústria musical, o mercado editorial e as novas mídias tentarão instrumentalizar seus

passos como se eles fossem o de uma artista de teatro de variedades de quinta categoria midiática. logo a educação formal terá consciência de que sua relação com ela é ambígua e, por isso, cautelosa, desconfiada e mantida a uma certa distância. pois ela sabe que há uma ameaça não dita que

estremece essa consciência rumo a um transvaloração e mutação radicais: não há carreirismo possível aqui na zinesfera que se irradia para o mundo; seu funcionamento não se dá de maneira hierárquica e centralizada; aqui não reconhecemos a validade do dispositivo mandar-obedecer. e assim, quando a mencionada personagem se insurge na pedagogia, ela jamais será vista através de relatórios obrigatórios e através das deliberações de comissões burocráticas.



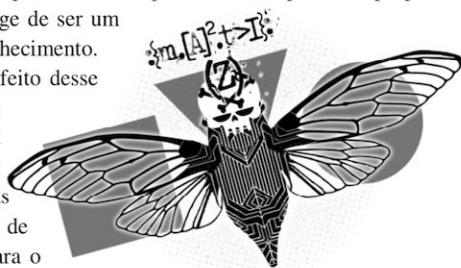
duas palavras internacionais se articulam para evocar tal personagem. articulação de risco pelo seu poder indômito. pois a pressa e o dever, que pretende que estejamos em permanente produção e entregando relatórios em prazos curtíssimos, são vistos como as duas maiores expressões do ressentimento ao prazer de queimar as pestanas lenta e cuidadosamente. intelectual no português e no espanhol; intellectuel no francês, intellectual no inglês, intellektuell no alemão, intellektuele no africâner, e fanzine, ou simplesmente zine, no mundo inteiro. o mercado, a militância, a política, o público, a mídia e a carreira desconfiam dessa articulação internacional, pois ela produz consciência! pois, quando articulada, não há mais espaço para apego a chavões, a meias e a pós

verdades, muito menos a enfoques simplificadores de seu gesto, ação e colaboração.

não só colecionamos, lemos, decodificamos, catalogamos e pesquisamos fanzines – estejam *on* ou *off-line*. nós realizamos, com o que dispomos à mão, com as ideias que temos na cabeça, e com o ânimo e vontade que correm por nossos corpos, zines, perzines, fotozines, femzine, HQzine, artzine, sonhozine, htmlzine, arquivozine, tecnozine, biograficzzines, anarcozine, etczine... este é o nosso modo de constituir nosso intelecto, nossa sensibilidade, nossa prática, nosso agir, nosso existir-com, nossa conversação zinesca e zineira.

nossa lógica é paratópica. estamos em lugares outros, por isso aqui nos encontram e nos encontramos. nossa economia é a dádiva. toda informação está liberta e livremente é distribuída. até mesma aquela mais indigesta e intragável. na realidade, principalmente estas gozam mais da liberdade de forma e de conteúdo. aqui os polos dos sabores mais sofisticados e da crueza mais visceral se encontram e dançam selvagemente. nosso lugar é *amplitópico*, *expansotópico*. tudo o que é atraído para dentro da zinesfera é recriado, como esses termos que acabamos de aqui criar, e a exemplo de tais, é ampliado e expandido de modo a alcançar horizontes jamais sonhados até então. daí é preciso sonhar novamente um pouco mais adiante. e assim, nossa subjetividade é múltipla. nunca falamos sós no deserto do real e, muito menos em uníssono na floresta do potencial. a autoria só é minha, porque em coautoria nos criamos mutuamente.

“somos ingovernáveis”! assim nosso intelecto e nossa sensibilidade nos convocam a tornarmos aquilo que somos. pois fazemos nós mesmas (D.I.Y.). feitos estes que anulam qualquer autoritarismo. por isso quando nos encontram ocupando algum cargo de autoridade, é certo que ali estamos para fazer desaparecer a própria autoridade que ali ocupou espaço um dia. e isso passa longe de ser um exercício da arrogância da ignorância. temos sede de conhecimento. amamos a sabedoria. portanto, também odiamos o par perfeito desse exercício repugnante, o intelectualismo. odiamos o ismo articulado ao intelecto. pois não queremos que pensar seja um substantivo abstrato. pois amamos conjugar verbos. por isso nossa sabedoria não é ensaística, nem dissertativa, mas sim poética, propositiva e zineira. enfim, é chegada a hora de revelar quem é que desponta no horizonte da zinesfera para o mundo. eis a grandiosa personagem que voz fala: nós, ZINtelectuais!





## **Cybionte:**

Originário da relação de “**CYBiose**” onde aquilo que é “Cyber” é entidade viva, organismo diferente em relação utópica, simbiótica, conosco, seres orgânicos.

## **eXistenZinais:**

As características fundamentais que constituem a experiência de alguém, cuja forma de vida se realiza pelas mais diversas expressões zineiras, especialmente no que diz respeito ao seu modo de estar e agir no mundo.

## **eXistenZinalismo:**

Fluxo poético-filosófico que perpassa as mais diversas criações artísticas, desde a vivência numa **ZINEsfera**: liberdade de expressão, execução e circulação; autenticidade, nem sempre positiva, pois angústia, náusea, indignação, tédio e raiva, também podem ser forças criadoras de zines; e experiência individual que visa amplificar experiências coletivas e vice-versa.

## **muZinista:**

Criação de experiências musicais e músicas, cuja formação sonora vem da extrapolação do que vem a ser o audiozine: passa pela escolha e construção de instrumentos sonoros, meios de gerar sons, e segue para a composição, a comprovação e para a improvisação musical. Uma

de suas possíveis variantes mais expressiva é a **VerboMuZinista**, já que usa a palavra e a poesia, como elementos fundantes para esse tipo de extrapolação.

### **PERformaNZI:**

Apresentação de corpos em ato, tendo como horizonte criativo, universos ficcionais. Exige a presença para ser melhor fruída e interpretada. Sua realização em ato é multimidiática, mas é um dos elementos que caracterizam a transmídia, já que está intimamente ligada a outras expressões que compõem seu respectivo universo ficcional que o gerou.

### **sENZIbilidade:**

Capacidade de criar os mais diversos experimentos de sensibilidade, tendo o zine como princípio propositor e organizador de estímulos físicos e emocionais.

### **Tattoo-Fiction:**

Gênero de ficção especulativa que tem o ato de tatuar e tatuagens como elementos narrativos de uma história ficcional. Não é um ficcionar-sobre. Mas sim, um ficcionar-em, por fazer o ato de tatuar e tatuagens, meios para esses fins.

### **ZINbionte:**

Originário da relação de “**ZINbiose**” em que faz, dos “Zines”, próteses.

### **Zineasta:**

Criação desobediente de audiovisuais, desde o ethos zineiro, como extrapolação e expansão de Zines. Envolve todos os momentos da realização de um audiovisual, e não se limita a um gênero Zinematográfico específico, seja experimental, documentário, poético, vídeo-zine, ficção, ou videoclipe. A liberdade é plena, inclusive para fusionar gêneros.

### **ZINEsfera:**

Cosmos onde se cria, frui, e circula as mais diversas expressões de zines. Abrange também a totalidade das expansões, interações, replicações e compartilhamento. Comporta também comunidades analógicas e digitais. Se opõem radicalmente contras as mídias sociais corporativas.

### **Zintelektualidade:**

Capacidade de pensar, refletir, analisar de maneira crítica e aprofundada, conhecimentos e habilidades cognitivas por meio do zines. É qualidade relacionada à articulação do intelecto via a grafiação zineira: simultaneidade de mídias cuja origem é a relação entre imagem e texto. Além de ter o ethos zineiro como o mais pleno uso da razão e dos afetos para com sua conversação comunitária.



## Referências bibliográficas

ANDRAUS, Gazy. Zines e artezines: a arte das publicações paratópicas. In *Anais do 28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes – ANPAP* com o tema “Origens”. Goiânia: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), 2019. ISSN: 2175-8212. Comitê CPA (Poéticas Artísticas) p.2305-2322. Disponível em: [https://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro\\_\\_\\_\\_ANDRAUS\\_Gazy\\_2305-2322.pdf](https://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____ANDRAUS_Gazy_2305-2322.pdf) Acesso em 03 jan. 2026.

FORTUNA, D. B. S. Adaptação de uma HQ Poético-filosófica para Performance Transmídia: Da HQ “Borbopoemas” à Performance “O Selvagem”. In: VII Simpósio Nacional de História Cultural - Escritas, Circulação, Leituras e Recepção (USP), 2014, São Paulo. *Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural - Escritas, Circulação, Leituras e Recepção*. São Paulo: USP, 2015. v. 1. p. 1-16. Disponível em: <https://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Danielle%20Barros%20Silva%20Fortuna.pdf> . Acesso em 03 jan. 2026.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (orgs). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HEIDEGGER, M. (1927). *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

MACHADO, A. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Ed. SENAC. 2000

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Sugestões de conceitos para reflexão sobre a arte contemporânea a partir da teoria e prática do Grupo de Pesquisa Corpos

Informático. In *Art Research Journal*, v. 4, n. 1, p. 33-47, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.36025/arj.v4i1.11808>>. Acesso em 03 jan. 2026.

SOUTO, Léo Pimentel. *O zineiro que se expandiu a zineasta e transgrediu-se como meta-artista transmídia da incerteza*. 2021. 596 f. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. | <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11415>



## Amante da Heresia

(aka. Léo Pimentel Souto) é MetArtista e filósofo transmídia. Nasce no punk, mergulha no anarquismo, e insurge pela cibercultura e pelas artes transmídia. Na segunda metade dos anos de 1990, pelo underground do punk, do zine e do skate, atuou em bandas, realizou zines e fundou cineclubes, ao mesmo tempo em que se formou em Filosofia pela UnB.

Nos anos 2000, assume uma identidade cyberpunk, experimentando zines expandidos, como a 3l37r0pUnx, performances, rádio experimental e eventos de cibercultura, enquanto realizava mestrado em Filosofia, também pela UnB e lecionava na área.

Na década de 2010, consolida-se como Zineasta e MuZinista, mas sem esses conceitos ainda, criando filmes, músicas eletrônicas extremas e fundando outros cineclubes. Passa a integrar o Calango Hacker Clube e o movimento do software livre. Inicia seu doutorado em Arte e Cultura Visual (UFG), onde desenvolve conceitos como Zineasta, Curtaforismo e MetArtista Transmídia da Incerteza, além de integrar o grupo Cria\_Ciber e o festival Ciberpajelaças.

Entre 2020 e 2026, conclui o doutorado e realiza seu pós-doutorado, pesquisando tecnologias populares de ponta (como teatro de bonecos e rádio), expandindo práticas transmídia, musicais e performáticas, desenvolvendo os conceitos de MuZinista e pErformaNZi. Com o Ciberpajé criam o gênero Brega Ciberpunk Cerraca, e com o Rennan Queiroz criam um gênero narrativo biopunk de Tattoo-Fiction, atua na Orquestra de Laptops de Brasília. Enquanto isso desenvolve um universo ficcional próprio, o Anarquismo Fantástico, expandindo conceitos como folclorefuturismo e gambiarra, num subgênero cyberpunk chamado Cerrado Elétrico. Também é o criador e atual curanderista da eCCe moNSTRa, microgaleria de audiovisualidades.

AMANTE//HERESIA//L30P1M3N7ELSOUTO  
nΔsc(e)pΔnkzineskateruíd0  
φιλοσοφίαUnBferrocola  
anXarchia ↓ cyb3rXcult ↓ transmídiaXincerteza  
199xunderground.bin bandΔs++cine++zineHQferro  
cineCAFil.exe run 200xcyberpunk.upload  
3f37r0pUnX.dsk diSTúRBio.cd rádioruídoShiva  
mestradoφ docência?segfault 201xfork()  
ZINEASTAMUZINISTA(nΔo-nome) filme-curto-  
aforismo som-extremo-sujo software\_livre\_only  
CALANGOHACK doutorΔdoARTEXVISUAL  
Zineasta()CurtAforismo()MetArtista.Transmidia{in  
certeza=true} CRIACIBER++ CIBERPAJELANÇAS~  
202x→2026expΔnsãopós\_dout()  
bonecorádioancestral tec\_pop++ponta++ MUZINISTA  
pErfoMΔNZi BREGAXCYBERXCERRACA(cCIBERPAJÉ)  
TATTOOFICTION pele==mídia  
biopunkagulhanarração(RENNANQ) ORQLAPTOPSBSB  
UNIVERSOFICCIONALANARQUISMOfANTASTICO  
folclore>>futuro gambiarra++ CERRADOELETRICO  
eCCemoNSTRa microgaleria audiovisualidades  
cura//ruído//loop [bio.glitch][identΔdade\_instΔvel]  
[sistema\_corrompido][erro=metodo]  
[ruído=linguagem]



# ZINbioses

um ensaio sobre os conceitos de  
Zineasta, muZinista e p3rformaNZI

Diante da percepção de que a expansão conceitual e poética de zine propõe um novo e singular olhar sobre os processos criativos artísticos em múltiplas linguagens, o Ciberpajé propôs e Léo Pimentel - o Amante da Heresia -, escreveu esse ensaio síntese tratando dos três provocativos e inusitados conceitos de “Zineasta”, “MuZinista” e “p3rformaNZIs”.



Marca de Fantasia